

Vigilância digital e coronavida: o “novo normal” do século XXI

Rafael Velloso Luz

Mestrando em Filosofia pela
Universidade do Estado do
Rio de Janeiro. Graduado em
Licenciatura em Física pela
Universidade Federal do Rio
de Janeiro (UFRJ)

veloso.rafa@gmail.com

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2601-6495>

Data de recebimento: 14/08/2020

Data de aceite: 08/10/2020

Com a passagem do ano de 2019 para 2020, o sentimento que permeava o imaginário de muita gente era o de sobreviver a um ano árduo. Naquela altura, apesar de já ser possível vislumbrar a crise que se aproximava, vivíamos nossa “normalidade” com a expectativa de se afastar cada vez mais do que foi 2019. Hoje, passado o 1º semestre de 2020, o ano que antecede nos parece razoável frente aos absurdos que vivemos. Se 2019 foi complicado, antes de sequer chegar em sua metade, 2020 é coroado como o ano da pior crise do século. Se a contaminação global pelo coronavírus já é algo pavoroso por si, este quadro em um país governado por pessoas que parecem ter saído das catacumbas da humanidade (sendo razoável na adjetivação), nos leva para um fosso civilizatório sem precedentes. Dia após dia, com milhares de mortes e novos infectados (isso sem contar que o Brasil já era, por excelência, um Estado mortífero), o que toma forma é o chamado “novo normal” com sua nova estética e vocabulário: máscaras com as mais variadas estampas, *faceshields*, totens de álcool em gel, *gun thermometers*, taxa de isolamento social, quarentena, cloroquina, *lives*, vídeo chamada, *google meet*, *zoom* e etc. Esse misto de cenas hollywoodianas com adaptações que só o Brasil é capaz de fornecer é paulatinamente vendido pela mídia com a nova normalidade que teremos de engolir. Com as promessas de vacina o coronavírus eventualmente vai “passar”, mas a *coronavida* já está acomodada e, pelo o que parece, não pretende partir.

Junto da declaração oficial da quarentena no início de março, todo um aparato tecnológico de controle e vigilância populacional entra em cena, com a prerrogativa de desacelerar a infecção. Contraditoriamente, no momento da submissão deste artigo, o Brasil se encontra em 3º lugar no *ranking* mundial em número de infectados e 2º de mortes,

segundo o mapeamento realizado pela Universidade John Hopkins, que se baseia no cruzamento dos dados oficiais da OMS (JOHN HOPKINS, 2020). Ao que parece o “Brasil acima de todos” é pra valer. Em linhas gerais, apesar da inépcia em construir e conduzir um plano de contenção da doença, as “novas tecnologias” se espalharam pelo país nos levando para uma situação delicada de vigilância digital. Mas que tecnologias são essas e como nos afetam? Este é o assunto que abordarei neste texto.

Com a impossibilidade dos encontros presenciais e a necessidade de se calcular taxas de isolamento social diariamente, nossas vidas, que já eram inundadas com ferramentas virtuais, foram levadas por um verdadeiro dilúvio digital. É improvável encontrar alguém que não esteja usando (ou tenha usado em algum momento da quarentena) aplicativos e programas para desempenhar tarefas que até o início do ano eram feitas presencialmente: salas de aula de escolas e universidades, reuniões de trabalho, encontro com amigos e até apresentações musicais foram transportadas para nossas casas. Para dar suporte a toda essa demanda, milhões de pessoas ao redor do mundo se viram obrigadas a instalar em seus celulares e computadores programas que tornam esses encontros virtuais possíveis, a ponto destes aplicativos estarem desde o início da quarentena entre 5 mais baixados mundialmente. A fim de exemplificar esse crescimento na utilização, um levantamento feito pela Google no final de abril identificou que sua plataforma *Google Meet* ganhou cerca de 2 milhões de novos usuários por dia e que a quantidade de tempo em chamada de vídeo para este mesmo período era equivalente a 3800 anos (LAVADO, 2020). Só na cidade de São Paulo houve um aumento de 700% na instalação de aplicativos de *delivery* durante a quarentena, em comparação ao mesmo período de 2019, e empresas e *startups* do ramo da tecnologia viram seus lucros baterem recorde atrás de recorde (E-COMMERCE BRASIL, 2020). Cabe perguntar: como empresas desse ramo lucram tanto com aplicativos que são, em tese, gratuitos? A resposta é: com dados. Sendo mais específico, com nossos dados. A capitalização via extrativismo de dados tem potencial para ser uma fonte inesgotável de recursos. Um cálculo feito recentemente pela empresa International Data Corporation (IDC) prevê que até final de 2020 serão gerados cerca de 35 trilhões de gigabytes de informações (IDC, 2020). A IDC também prevê que empresas ligadas à área de inteligência artificial (IA) fecharão 2020 tendo gerado uma receita de mais de 150 bilhões de dólares.

Para o leitor ou leitora que não está habituado o significado de termos como IA ou empresas de tecnologia, permita-me fazer uma digressão. Hoje, este ramo é dominado (em termos de capital, estrutura e pesquisa) pelas chamadas FAANG: Facebook, Amazon, Apple, Netflix e Alphabet (um conglomerado mais conhecido como Google, que é um oligopólio, ou seja, formado geralmente por multinacionais que atuam em um ou mais setores de produção). Juntas, as FAANG iniciaram janeiro de 2020 com um capital de 4,1 trilhões de dólares (FERNANDO, 2020). Para critérios de comparação, o Produto Interno Bruto (PIB) dos EUA em 2019 foi estimado em 20 trilhões de dólares, ou seja, 5 pessoas em posição de CEO (*Chief Executive Officer*) possuem em suas mãos empresas cujo capital é apenas 4 vezes menor que toda a produção da nação mais rica do mundo. Por anos essas empresas investem valores exorbitantes em pesquisa e desenvolvimento em áreas como IA e *machine learning*, mas o que significam estes termos? De acordo com o site da área de pesquisa da Google, IA (ou *Machine Intelligence*) é a exploração, desenvolvimento e aplicação de teorias de *machine learning*, de forma que seja possível o aperfeiçoamento de algoritmos de interpretação e generalização (GOOGLE, 2020a). Por sua vez, *machine learning* é a capacidade de um algoritmo gerar previsões com base em dados de comportamento, linguagem, processos visuais, sons, etc. Tudo isto tendo como objetivo, de acordo com a empresa, “organizar as informações do mundo para que sejam universalmente acessíveis e úteis para todos” (GOOGLE, 2020b).

No entanto, apesar do uso de termos como inteligência e aprendizado (*learning*), é importante ressaltar que, ao contrário do que é propagado pelas gigantes da tecnologia, as máquinas não são autômatos pensantes, mas um *modelo estatístico algorítmico* (usando a definição técnica) que funciona através do mapeamento e padronização. Da mesma forma, a máquina não aprende nada: “aprendizado de máquina simplesmente mapeia uma distribuição estatística de valores numéricos e desenha uma função matemática que, esperançosamente, se aproxima da compreensão humana” (PASQUINELLI; JOLER, 2020). Em outras palavras, através da geração constante de dados pela nossa sociedade hiperconectada, os algoritmos realizam previsões do que podemos vir a gostar, comprar, assistir, etc. Não por acaso, ao acessarmos um site de compras propagandas

de produtos semelhantes aparecem em todos os sites que entramos, ou se assistimos muito filmes de drama em plataforma de *streaming*, seremos constantemente recomendados com “filmes para você”. Através deste modelo de padronização estatística, ao fim o que se busca padronizar são nossos gostos, interesses, formas de falar e se vestir. As plataformas que se vendem como “gratuitas” na verdade nos cobram um preço altíssimo para sua utilização: nossos dados. Toda vez que *logamos* (acessar com nossos dados, na linguagem da internet) em um site utilizando o Facebook, por exemplo, estamos autorizando a empresa a ter acesso a tudo que fazemos, vemos, compramos e clicamos. Apesar do discurso de que o extrativismo desses dados é para “aperfeiçoar nossa experiência” (seja lá o que isso signifique), é cada vez mais frequente notícias de vazamentos de dados privados, assim como sua utilização para além do que é permitido pelos termos de uso (ÉPOCA, 2020). Com a emergência da pandemia, mesmo com as sabidas violações de privacidade cometida pelas gigantes tecnológicas, fomos obrigados a utilizar as diversas plataformas em um ritmo nunca visto.

Em paralelo à extensão dos espaços de trabalho e estudo para dentro de nossas casas (mediada pelas FAANG), as mesmas técnicas de modelo estatístico algorítmico são utilizadas nos espaços públicos. Durante o período de quarentena, tornou-se comum o cálculo da taxa de isolamento, diariamente divulgado pelas mídias, mas como é feito este cálculo? Câmeras espalhadas pelas cidades possuem papel importante no levantamento destes dados, mas outro aparelho eletrônico tem se tornado cada vez mais central: os *smartphones*. Atualmente sendo quase uma extensão de nossos corpos, os celulares, com suas tecnologias de geolocalização, têm sido utilizados pelos governos e empresas para mapear o que fazemos e por onde andamos. Inclusive em abril deste ano foi aprovada uma medida provisória que obriga as empresas de telefonia a repassar nossos dados para o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), com a justificativa de estarmos vivendo uma emergência de saúde pública (SENADO NOTÍCIAS, 2020). Ao mesmo tempo, entidades privadas e públicas se juntam para criar cada vez mais aparatos de vigilância, tudo com o objetivo de controlar a pandemia no Brasil, supostamente. Aqui na cidade Rio de Janeiro (2020), por exemplo, a Prefeitura, em parceria com duas empresas da área de tecnologia, utiliza o Centro de Operações do Rio de Janeiro (COR) e suas câmeras para fazer o que denominam de rastreamento inteligente, que consiste numa técnica (com auxílio de IA) para identificar pessoas através do cruzamento de imagens de câmeras diversas (CYBERLABS, 2020). Para essa identificação não apenas o rosto é utilizado, mas a roupa que usamos e suas cores, acessórios etc. Em nível nacional, parcerias público-privadas são atadas, onde através da instalação de determinados aplicativos e o fornecimento de alguns dados, é possível rastrear o deslocamento das pessoas e, com o cruzamento destes dados, verificar se entramos em contato ou não com alguém que contraiu Covid-19 (INLOCO, 2020). Em todos esses casos, empresas dizem que passada a emergência os dados serão deletados. Os governos nada dizem.

Apesar dos argumentos de que nossos dados estão seguros e o anonimato é garantido, um estudo recente feito por integrantes do Data Science Institute, do Imperial College London, verificou que utilizando cruzamentos de dados (como data de nascimento, gênero e etnia), em 99,8% dos casos foi possível identificar com exatidão quem é o indivíduo em questão (ROCHER; HENDRICKX; DE MONTJOYE, 2019). Se com dados “anônimos” espalhados pela internet já foi possível essa identificação, o que ocorrerá a partir do momento que nosso deslocamento, conversas, histórico médico, uso do cartão de crédito, entre outras informações, estiveram disponíveis para governos e empresas privadas? Não por acaso, enquanto o mundo inteiro mergulha em uma das maiores crises sociais, sanitária e econômica do século XXI, empresas como as FAANG obtêm lucros exorbitantes. É emblemática a notícia recente que em meio ao caos, o CEO da Amazon, Jeff Bezos, tenha somado à sua fortuna 13 bilhões de dólares em apenas um dia (INFOMONEY, 2020). Ritmo que o magnata do ramo do varejo não está sozinho, pois ao passo que as economias mundiais entram em colapso, Facebook, Amazon, Apple, Netflix e Google registraram no 2º trimestre deste ano um lucro conjunto superior a 28 bilhões de dólares (CNN, 2020).

Se o leitor ou leitora esperava alguma perspectiva positiva no decorrer deste texto, informo que infelizmente terei de usar o ditado popular “nada é tão ruim que não possa piorar”, pois uma grande batalha geopolítica, científica e tecnológica, que tem sido comparada à Guerra Fria, se aproxima de forma acelerada: a implementação do 5G (VINCENTIN; ROSA, 2020). Para quem não conhece, o 5G é o sucessor das conhecidas tecnologias de compartilhamento de dados 3G e 4G, já presentes em praticamente todos os *smartphones*. Se

no Brasil a implementação do 3G foi responsável por popularizar a internet e levá-la a 95% dos dispositivos móveis e o 4G por aperfeiçoar o tráfego de dados e aumentar sua velocidade em até 100 vezes, o 5G virá com a promessa de mudar completamente a internet como conhecemos. Com essa nova rede, não apenas *smartphones*, *tablets* e computadores estarão conectados à internet, mas carros, relógios, caixas de som, geladeira, máquinas de lavar, TVs, câmeras de segurança, indústrias, aparelhos hospitalares... A lista é enorme. O 5G, ou como é chamado, a *internet das coisas* irá conectar tudo, levando nossa relação com a utilização do meio virtual a patamares inimagináveis. Se já nos encontramos em uma situação de dependência com a internet restrita à alguns aparelhos eletrônicos, o que acontecerá quando a máquina de lavar for controlada por um celular e o aviso de que está terminando a lavagem aparecer em nossas geladeiras? Colocando em outros termos, se as FAANG já possuem tamanho impacto e controle de nossas vidas, o que irá acontecer quando essas empresas forem responsáveis pela implementação, controle e armazenamento dos dados do 5G (tecnologias que estas empresas, junto da chinesa Huawei, são líderes)?

Com este quadro em perspectiva, o Brasil, um país que tem 306 milhões de *smartphones* ativos (LIMA, 2018) e uma população de pouco mais de 212 milhões de habitantes, segundo o IBGE (2020), (ou seja, mais celulares que pessoas), é um grande laboratório mundial e terreno de batalha pela implementação do 5G. Com o leilão pela utilização da frequência de funcionamento do 5G se aproximando (BENITES, 2020), acordos entre o Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovações (MCTI) e empresas ligadas ao Vale do Silício, região da Califórnia, EUA, onde se encontram empresas de alta tecnologia e Google já estão em curso. Em 27 de maio deste ano, o ministro astronauta anunciou um acordo com a empresa Cisco (2020) denominado *MCTIC e Cisco: Acelerando a Transformação Digital, cujo objetivo é preparar a estrutura tecnológica do país para a implementação do 5G. Na época do acordo, o Ministério das Comunicações ainda fazia parte do Ministério da Ciência, Tecnologia, Inovação e Comunicações, por isso a sigla MCTIC. O acordo prevê iniciativas nas áreas de monitoramento do sistema nacional de ciência, tecnologia e inovação, cibersegurança, indústria 4.0, iniciativas de resposta à COVID-19, cidades inteligentes, entre outras áreas. É difícil dizer o que será de nossas vidas, nossos dados, com mais este aprofundamento tecnológico. Se hoje já somos vistos como uma fonte inesgotável de capital, possibilitado pelo extrativismo de dados, as remodelações do meio digital irão modificar mais ainda a sociedade, tornando o humano e o capitalismo do século XX sistemas obsoletos, ultrapassados. Se diante disto tudo me perguntassem “o que, então, devemos fazer?”*, minha resposta seria, a princípio, um preocupante “não tenho ideia”. Fica, portanto, o convite para pensarmos essas relações digitais. Podemos perguntar: qual a importância, do ponto de vista social, desse aprofundamento digital? Esse ritmo acelerado da produção tecnológica e da hiperconexão é saudável? O mundo digital está entregando suas promessas de inclusão, participação e acesso ao conhecimento? Acredito serem perguntas interessantes para pensarmos, mas, por ora, tudo o que ousa afirmar é: sorria, você está sendo vigiado.

REFERÊNCIAS

BENITES, Afonso. Leilão do 5G no Brasil é novo capítulo da guerra fria do século XXI entre China e Estados Unidos. **El País Brasil**, Brasília, 22 de jul. de 2020. Disponível em: <<https://brasil.elpais.com/brasil/2020-07-22/leilao-do-5g-no-brasil-e-novo-capitulo-da-guerra-fria-do-seculo-xxi-entre-china-e-estados-unidos.html>>. Acesso em: 06 out. 2020.

CISCO. MCTIC e Cisco anunciam parceria para aceleração digital do Brasil. **Cisco**, 17 de mai. de 2020. Disponível em: <<https://news-blogs.cisco.com/americas/pt/2020/05/27/mctic-e-cisco-anunciam-parceria-para-aceleracao-digital-do-brasil/>>. Acesso em: 06 out. 2020.

CNN. Amazon, Apple, Facebook e Google ‘ignoram’ pandemia e lucram mais. **CNN Brasil Business**, São Paulo, 31 de jul. de 2020. Disponível em: <<https://www.cnnbrasil.com.br/business/2020/07/30/amazon-apple-facebook-e-google-ignoram-pandemia-e-lucram-mais>>. Acesso em: 6 out. 2020.

CYBERLABS. Re-Identificação de pessoas: uma alternativa ao reconhecimento facial. **Cyberlabs**, Rio de Janeiro. Disponível em: <<https://blog.cyberlabs.ai/2020/07/08/re-identificacao-de-pessoas-uma-alternativa-ao-reconhecimento-facial/>>. Acesso em: Acesso em: 06 out. 2020.

E-COMMERCE BRASIL. Downloads de apps de delivery crescem 700% na quarentena em sp. **E-Commerce Brasil**, 3

de jun. de 2020. Disponível em: <<https://www.ecommercebrasil.com.br/noticias/downloads-apps-delivery-crescem-s-p-coronavirus/>>. Acesso em: 06 out. 2020.

ÉPOCA. Falha no google vazou vídeos privados de usuários para pessoas desconhecidas. **Época Negócios**, 5 de fev. de 2020. Disponível em: <<https://epocanegocios.globo.com/Tecnologia/noticia/2020/02/falha-no-google-vazou-vidEOS-privados-de-usuarios-para-pessoas-desconhecidas.html>>. Acesso em: 06 out. 2020.

FERNANDO, James. What Are FAANG Stocks? **Investopedia**, 18 de jul. de 2020. Disponível em: <<https://www.investopedia.com/terms/f/faang-stocks.asp>>. Acesso em: 06 out. 2020.

GOOGLE. About Google. 2020b. Disponível em: <https://about.google/> Acesso em: 06/10/2020

GOOGLE. Google Research. 2020a. Disponível em: <https://research.google/pubs/?area=machine-intelligence>. Acesso em: 06 out. 2020.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Projeção da população do Brasil e das unidades da federação**. IBGE. 2020. Disponível em: <<https://www.ibge.gov.br/apps/populacao/projecao/>>. Acesso em: 06/10/2020.

IDC calcula crescimento de 12,3% do mercado de inteligência artificial este ano. **Tiinside**, 6 de ago. de 2020. Disponível em: <<https://tiinside.com.br/06/08/2020/idc-calcula-crescimento-de-123-do-mercado-de-inteligencia-artificial-este-ano/>>. Acesso em: 06 out. 2020.

INFOMONEY. Jeff Bezos fica US\$ 13 bilhões mais rico em um único dia. **Infomoney**, 21 de jul. de 2020. Disponível em: <<https://www.infomoney.com.br/carreira/jeff-bezos-fica-us-13-bilhoes-mais-rico-em-um-unico-dia/>>. Acesso em: 06 out. 2020.

INLOCO. Controle à covid-19 respeitando a privacidade individual. **Inloco**. Disponível em: <<https://www.inloco.com.br/covid-19>>. Acesso em: 06 out. 2020.

JOHN HOPKINS. Coronavirus Resource Center. Universidade John Hopkins, 2020. Disponível em: <<https://coronavirus.jhu.edu/map.html>>. Acesso em: 06 out. 2020.

LAVADO, Thiago. Google libera Meet, ferramenta executiva de vídeo chamadas, para todos os usuários. **G1**, 29 de abr. de 2020. Disponível em: <<https://g1.globo.com/economia/tecnologia/noticia/2020/04/29/google-libera-meet-ferramenta-executiva-de-videochamadas-para-todos-os-usuarios.ghtml>> Acesso em: 06 out. 2020.

LIMA, Mariana. Brasil já tem mais de um smartphone ativo por habitante, diz estudo da FGV. **Estadão**, São Paulo, 19 de abr. de 2018. Disponível em: <<https://link.estadao.com.br/noticias/geral,brasil-ja-tem-mais-de-um-smartphone-ativo-por-habitante-diz-estudo-da-fgv,70002275238>>. Acesso em: 06 out. 2020.

PASQUINELLI, Matteo; JOLER, Vladan. *O manifesto Nooscópio: Inteligência Artificial como Instrumento de Extrativismo do Conhecimento*. Tradução de Leandro Módolo e Thais Pimentel, mai. 2020. Título original: *The Nooscope Manifested: AI as Instrument of Knowledge Extractivism*.

RIO DE JANEIRO. Prefeitura do Rio de Janeiro. Município do Rio de Janeiro. Prefeitura vai informar a quantidade de pessoas circulando em alguns bairros. **Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro**, Rio de Janeiro, 6 de mai. de 2020. Disponível em: <<https://prefeitura.rio/cidade/prefeitura-vai-informar-a-quantidade-de-pessoas-circulando-em-alguns-bairros/>>. Acesso em: 06 out. 2020.

ROCHER, L.; HENDRICKX, J.M.; DE MONTJOYE, Y. Estimating the success of re-identifications in incomplete datasets using generative models. **Nature Communications**, v. 10, p. 1-9, jul. 2019. DOI: <https://doi.org/10.1038/s41467-019-10933-3>

SENADO NOTÍCIAS. Operadoras deverão repassar dados de clientes a IBGE para pesquisa por telefone. **Senado Notícias**, Brasília, 20 de abr. de 2020. Disponível em: <<https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2020/04/20/operadoras-deverao-repassar-dados-de-clientes-a-ibge-para-pesquisa-por-telefone>>. Acesso em: 06 out. 2020.

VICENTIN, Diego; ROSA, Fernanda R. 5G, o grande trunfo para o capitalismo de vigilância. **Outras Palavras**, 23 de jun. de 2020. Disponível em: <<https://outraspalavras.net/tecnologiaemdisputa/5g-o-grande-trunfo-para-o-capitalismo-de-vigilancia/>>. Acesso em: 06 out. 2020.